

A Variação da Concordância Verbal na Fala dos Norte-paranaenses

Jacqueline Ortelan Maia **BOTASSINI**¹
Laura Bellanda **GALUCH**²

¹ Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2013). Professora Doutora Adjunta D na Universidade Estadual de Maringá - UEM. Contato: jombotassini@uem.br

² Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2022). Professora Mestre do Colégio Axia. Contato: lauragaluch@gmail.com

Resumo:

As gramáticas normativas, quase invariavelmente, afirmam que a concordância verbal ocorre quando o verbo se flexiona e se conforma ao número e à pessoa do sujeito. Na fala, porém, verifica-se que esse fenômeno linguístico não se realiza de forma homogênea e apenas em conformidade com as regras prescritas por essas gramáticas (conforme CASTILHO, 2016; SCHERRE; NARO, 1998; VIEIRA, 2013). A marcação ou não da concordância verbal pode ocorrer motivada por fatores que vão além do linguístico. O presente trabalho, baseado na metodologia da Sociolinguística Variacionista, examinou a variação da concordância verbal na fala de norte-paranaenses. Para a análise, observaram-se, como possíveis condicionadores do fenômeno em estudo, os fatores extralinguísticos sexo, faixa etária e grau de escolaridade, e os fatores linguísticos grau de saliência fônica e posição do sujeito em relação ao verbo. O *corpus* da pesquisa constitui-se de 16 entrevistas de informantes norte-paranaenses pertencentes ao banco de dados de entrevistas gravadas e transcritas por Botassini (2013). Após a análise, verificou-se que o fator linguístico posição do sujeito em relação ao verbo e os fatores extralinguísticos sexo e grau de escolaridade foram os mais determinantes para a marcação ou não da concordância verbal.

Palavras-chave:

Concordância verbal. Língua falada. Sociolinguística variacionista.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 1, p. 52-65, abr. 2022

Recebido em: 15/02/2022

Aceito em: 07/03/2022

A Variação da Concordância Verbal na Fala dos Norte-paranaenses

Jacqueline Ortelan Maia Botassini; Laura Bellanda Galuch

INTRODUÇÃO

As línguas podem valer-se de diferentes estratégias para indicar a pluralidade. Em relação à concordância verbal, o inglês, por exemplo, mantém a flexão de plural apenas no sintagma nominal; já o português a realiza de forma redundante, com marcações no sintagma nominal e no verbo.

As gramáticas normativas da língua portuguesa defendem que a concordância verbal acontece quando o verbo concorda com o sujeito (cf. BECHARA, 2009; CEGALLA, 2008; CUNHA; CINTRA, 2017, dentre outros).

Vários estudiosos, como Scherre e Naro (1998), Vieira (2013) e Castilho (2016), entretanto, têm apontado que a marcação ou não da concordância verbal pode ocorrer motivada por outras razões além das prescritas pelas gramáticas tradicionais, que tratam os fenômenos linguísticos como homogêneos e estáticos. De fato, essas regras logram maior importância na língua escrita; entretanto, na língua falada, há outros fatores que atuam no condicionamento da variação da concordância verbal realizada por falantes da língua portuguesa brasileira.

Este artigo, fundamentado na metodologia da Sociolinguística Variacionista, apresenta os resultados de uma pesquisa que examinou a variação da concordância verbal na fala de habitantes da Região Norte do estado do Paraná, Brasil, os norte-paranaenses, investigando como os fatores linguísticos grau de saliência fônica e posição do sujeito em relação ao verbo e os fatores extralinguísticos sexo, faixa etária e grau de escolaridade atuam no condicionamento da realização ou não desse fenômeno linguístico. Para tanto, utilizou-se um *corpus* constituído de 16 entrevistas realizadas com informantes norte-paranaenses e pertencentes ao banco de dados de entrevistas gravadas e transcritas por Botassini (2013).

A opção por estudar esse tema com informantes norte-paranaenses deve-se ao fato de se terem criado representações estereotipadas para esses falantes, normalmente rotulados como pessoas simples, rudes, de fala incorreta, descuidada, enfim, “caipiras”. A esse respeito, a tese de Botassini (2013) analisa, dentre outros temas, as crenças e as atitudes de informantes cariocas, gaúchos e norte-paranaenses em relação ao dialeto do Norte do Paraná. E uma das crenças reveladas por esses informantes é que a falta de concordância seria uma marca dialetal produzida, com mais frequência, pelos norte-paranaenses do que por pessoas de outras regiões.

1. A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL

Azeredo (2013) e Cunha e Cintra (2017) afirmam que a concordância verbal acontece quando o verbo se flexiona e se conforma ao número e à pessoa do sujeito, como em *eu estudo, nós estudamos, eles estudam*. Sobre isso, Castilho (2016, p. 411) pondera que “essa conformidade implica [...] redundância de formas, ou seja, se houver marcação de plural no sujeito haverá marcação de plural no verbo”.

Essa prescrição, contudo, não ocorre de forma efetiva na fala. Segundo Camacho (1993), a concordância verbal no português brasileiro é um fenômeno gramatical que está sujeito à variação, ou seja, não é uma regra categórica e sua aplicação não é invariável. Para ele, há influência tanto de fatores linguísticos quanto de fatores extralinguísticos na realização ou não da concordância verbal; destaca ainda que os fatores de natureza extralinguística governam a natureza não padrão, isto é, variáveis como escolaridade, idade, sexo,

origem sociocultural e geográfica, dentre outras, são as principais responsáveis pelas variantes que não estão prescritas nas gramáticas normativas. Segundo o autor, a concordância verbal não é realizada frequentemente pelas camadas populares, mas é algo que também acontece nas variedades cultas, já que esse fenômeno é afetado por fatores de ordem externa, os quais derivam da diversidade sociocultural.

Camacho (1993) também aponta a necessidade de verificar se, na marcação de pluralidade, a preservação da marca de plural na 3.^a pessoa do verbo é afetada por causas estritamente estruturais. O autor compara a variação da concordância verbal entre 1.^a e 3.^a pessoas e pondera que, “sendo o próprio falante o ponto universal de referência, é óbvio que a maior variação em termos das categorias reside justamente na 3.^a pessoa” (CAMACHO, 1993, p. 103). Há diferença no grau de estigmatização entre concordância de 1.^a e de 3.^a pessoa; nesta, a ausência da concordância é mais elevada quando comparada àquela. Percebe-se, assim, que a 1.^a pessoa é a mais preservada até mesmo na variedade popular, que tende a simplificar, de forma mais acentuada, o sistema de conjugação verbal.

Scherre e Naro (1998) afirmam que “[...] o português vernacular do Brasil apresenta variação sistemática nos processos de concordância de número, exibindo variantes explícitas e variantes zero (0) de plural em elementos verbais e nominais” (p. 509, grifo dos autores). Casos como “Eles COMEM demais” e “Elas FALAM muito” ilustram as variantes explícitas, já “Eles COME0 demais” e “Elas FALA0 muito” apresentam a variante zero. Os autores asseveram ainda que “[...] os processos variáveis de concordância de número do português vernacular do Brasil evidenciam um sistema perfeito, correlacionado a variáveis linguísticas e sociais” (SCHERRE; NARO, 1998, p. 509-510).

Para Vieira (2013), nenhuma variedade do português brasileiro apresenta, categoricamente, a marca de número na forma verbal; por isso, é importante compreender quais fatores influenciam o falante na aplicação ou não da regra de concordância. A autora destaca as particularidades apresentadas pelas gramáticas normativas ao classificarem as regras de concordância verbal, demonstrando a inconsistência no tratamento tradicional, que ora usa critérios sintáticos ou morfológicos, ora semânticos e que admite que o verbo concorde com outros termos da oração que não o sujeito. Dessa maneira, mesmo que implicitamente, as gramáticas normativas legitimam a variabilidade da concordância verbal.

2. *CORPUS* E METODOLOGIA

O *corpus* desta pesquisa constitui-se de dados recolhidos do banco de entrevistas gravadas e transcritas por Botassini (2013). Das 48 entrevistas que compõem esse banco de dados, utilizaram-se 16; mais especificamente, foram utilizadas as entrevistas realizadas com os informantes norte-paranaenses.

Esses 16 informantes estão divididos, igualmente, por sexo (8 homens e 8 mulheres), por faixa etária – FE (8 informantes da 1.^a FE e 8 informantes da 2.^a FE: na 1.^a FE, estão os indivíduos com idades entre 20 e 35 anos; na 2.^a FE, pessoas entre 50 e 65 anos) e por grau de escolaridade (8 informantes com formação superior e 8 com ensino médio).

Para se analisarem a variabilidade da concordância verbal e a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos nesse processo, esta pesquisa apoiou-se na metodologia da Sociolinguística Variacionista, a qual compreende a língua como um sistema heterogêneo, que se relaciona com as variáveis sociais (sexo, faixa etária, grau de escolaridade etc.) e que evolui (cf. ALKMIM, 2007; CAMACHO, 2007; MOLLICA, 2008, dentre outros).

De acordo com Mollica (2008), o objeto de estudo da Sociolinguística é a variação, entendida “como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”; assim, parte-se do “pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais” (MOLLICA, 2008, p. 10).

Para a análise das entrevistas selecionadas, optou-se por trabalhar com os fatores extralinguísticos sexo, grau de escolaridade e faixa etária porque, além de terem sido os usados por Botassini (2013) para selecionar os informantes de suas entrevistas, são fatores utilizados por importantes estudiosos do tema da concordância verbal (por exemplo, SCHERRE; NARO, 1998).

Scherre e Naro (1998), recorrendo às gravações do banco de dados do *corpus* Censo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), analisaram os fatores extralinguísticos anos de escolarização, sexo e faixa etária; desses, apresentaram-se como mais significativos o grau de escolaridade e o sexo. Em relação ao grau de escolaridade, esse resultado parece mostrar que pessoas com mais anos de escolarização e que, conseqüentemente, foram expostas à correção gramatical por mais tempo, realizam mais marcações de plural. Já em relação ao sexo, os autores destacam que as mulheres respeitam, de forma mais evidente, as regras sociais estabelecidas, visto que tendem a ser mais sensíveis às variantes prestigiadas socialmente.

Quanto à seleção dos fatores linguísticos, esta pesquisa baseou-se em trabalhos já publicados sobre o tema, sendo escolhidos aqueles que mais vezes foram mencionados como condicionadores. Scherre e Naro (1998), Duarte (2008) e Vieira (2013) apontaram a saliência fônica como um dos fatores linguísticos mais condicionador de marcação ou não da concordância. Da mesma forma, há várias pesquisas que destacam a posição do sujeito em relação ao verbo como variável linguística altamente favorecedora da retenção ou não da marca de plural no verbo (CAMACHO, 1993; SCHERRE; NARO, 1998; VIEIRA, 2013).

Na pesquisa de Scherre e Naro (1998), foram analisadas as duas variáveis linguísticas referidas – saliência fônica e posição do sujeito. Ao considerar a variável saliência fônica, os autores apresentam dois critérios que estabelecem a hierarquia da saliência: (i) presença ou ausência de acento na desinência e (ii) quantidade de material fônico que diferencia o singular do plural. A partir do primeiro critério, “estabelecem-se dois níveis de saliência e, dentro de cada nível, distinguem-se três categorias que refletem a diferenciação material fônica da relação singular/plural, resultando uma escala de seis níveis” (SCHERRE; NARO, 1998, p. 511).

O nível 1 (oposição não acentuada) contém os pares que, na oposição singular/plural, não apresentam acentuação dos segmentos fonéticos em ambos os membros. Esse nível se subdivide em 3 categorias: “1a: não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural; 1b: envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural; 3a: envolve acréscimo de segmentos na forma plural” (SCHERRE; NARO, 1998, p. 511). Já o nível 2 (oposição acentuada) é formado pelos pares que, na oposição singular/plural, apresentam acentuação dos segmentos fonéticos em pelo menos um membro da oposição. Subdivide-se da seguinte maneira:

2a: envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural; 2b: envolve o acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural; 2c: envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural; mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas (SCHERRE; NARO, 1998, p. 512).

Os resultados obtidos por meio dessa classificação evidenciam que os menores níveis de saliência desfavorecem a concordância com marcas explícitas de plural, enquanto os níveis mais altos a favorecem. Assim, de forma geral, pode-se afirmar que as formas não acentuadas desfavorecem a concordância, enquanto as acentuadas a propiciam.

Quanto ao segundo fator linguístico, variável posição do sujeito, Scherre e Naro (1998, p. 516) apontam que a presença do sujeito e a sua posição em relação ao verbo interferem na concordância verbal. Quatro fatores dessa variável são focalizados: “1) Sujeito imediatamente anteposto; 2) Sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas; 3) Sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas; 4) Sujeito posposto ao verbo”. A análise dos dados indicou que o sujeito anteposto ou o sujeito mais próximo ao verbo favorecem a marcação explícita da concordância verbal, que é desfavorecida pelo sujeito posposto e pelo sujeito anteposto distante do verbo. Pode-se dizer que, independentemente da escolarização dos falantes, “a posição à esquerda [...] favorece mais marcas explícitas de plural do que a posição à direita” (SCHERRE; NARO, 1998, p. 518).

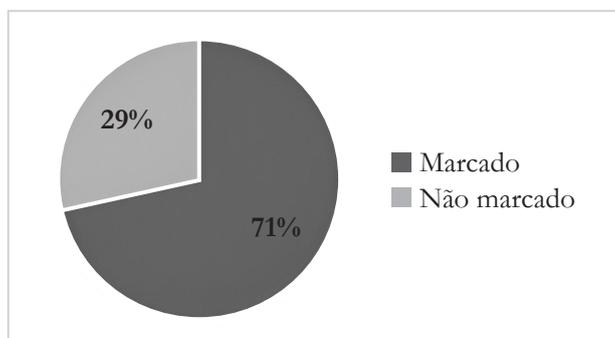
No presente trabalho, após o estabelecimento das variáveis linguísticas e extralinguísticas, os dados foram selecionados, identificados e contabilizados, sendo os resultados colocados em tabelas para posterior análise.

Na sequência, esses dados são apresentados e analisados quantitativa e qualitativamente.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Na análise dos dados, foram considerados apenas os sujeitos no plural, fossem eles simples, compostos ou ocultos³. Foram contabilizados 299 sujeitos expressos e 55 sujeitos ocultos, totalizando 354 ocorrências. Dentre essas ocorrências, realizou-se marcação de número em 253 verbos e não marcação em 101, como mostram o Gráfico 1 e a Tabela 1, a seguir:

Gráfico 1 - Marcação da concordância verbal.



Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 1 - Marcação da concordância verbal.

Verbos	Ocorrências	Porcentagem
Marcados	253	71%
Não marcados	101	29%
Total	354	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 1 e a Tabela 1 evidenciam uma diferença significativa entre os casos de marcação (71%) e os de não marcação (29%) da concordância, revelando que, de forma geral, a marcação explícita da concordância verbal predomina entre os falantes norte-paranaenses.

Tal predomínio pode estar relacionado, dentre outros motivos, pelo modo como os dados foram coletados: por se tratar de uma situação de entrevista, o falante tende a monitorar a sua fala para evitar desvios gramaticais, sobretudo por se tratar de respostas a um questionário.

Além disso, outra causa que pode justificar a preferência pela marcação é o grau de escolaridade dos informantes, já que os 16 entrevistados possuem, no mínimo, o segundo grau completo: são oito informantes com ensino médio e oito com curso superior. O acesso à escolarização por um período mais amplo permite o contato com a norma de prestígio por mais tempo, o que pode influenciar a manutenção de alguns fenômenos linguísticos, de acordo com as prescrições gramaticais.

³ Durante a coleta de dados, verificaram-se casos de sujeito oculto, que foram identificados de duas maneiras: pela desinência do verbo e pelo contexto, como mostram os exemplos a seguir:

a) sujeito oculto identificado por meio da desinência:

INF.- *Não, que eu alembre, sempre fui de acompanhá com uma outra pessoa, que alembre nunca PASSEMOS não.* (03 M EM 2FE).

b) sujeito oculto identificado por meio do contexto:

INQ.- Como você acha que falam os norte-paranaenses?

INF.- *Os norte-paranaenses falam (risos) PUXAM o érre (=R) né [...]* (09 F EM 1FE).

INF.- *Os gaúcho eu acho que são meio, meio tipo arrogante meio mandão, meio... QUER IMPOR o que ele, como se ele tivesse [...]* (04 NP M EM 2FE).

É preciso considerar também que a faixa etária desses informantes corresponde à fase em que ou estão ingressando no mercado de trabalho (indivíduos da primeira faixa etária) ou já atuam profissionalmente (informantes da segunda faixa etária), fator que pode influenciar a preferência pela concordância, já que a falta de marcação de plural nos verbos, muitas vezes, é associada à falta de inteligência, de capacidade, o que pode trazer prejuízos profissionais.

É importante destacar que os 29% de ocorrências de verbos sem marcação mostram que, apesar de os informantes da pesquisa realizarem a marcação de forma frequente, não o fazem de maneira sistemática, regular, constante; portanto esse resultado também é relevante e indica a variabilidade desse fenômeno linguístico, que pode mudar dependendo do contexto situacional.

Na sequência, os fatores linguísticos grau de saliência fônica e posição do sujeito em relação ao verbo e os fatores extralinguísticos sexo, grau de escolaridade e faixa etária são analisados.

3.1. Fatores linguísticos

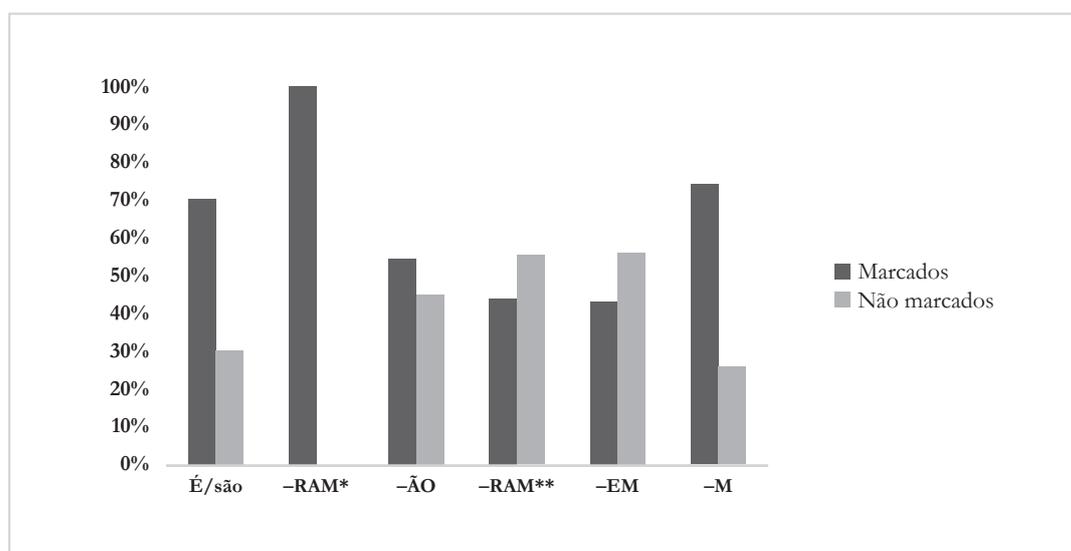
Analisaram-se os fatores linguísticos grau de saliência fônica e posição do sujeito em relação ao verbo, porque têm sido examinados com mais recorrência em diversas pesquisas que trabalham com o mesmo tema (CAMACHO, 1993; DUARTE, 2008; SCHERRE; NARO, 1998; VIEIRA, 2013) e têm-se apresentado como variáveis condicionadoras da marcação ou não da concordância verbal.

3.1.1. Grau de saliência fônica

O Gráfico 2 e a Tabela 2 apresentam o grupo de verbos identificados no *corpus* de acordo com a saliência fônica (das formas mais salientes para as menos salientes), seguindo a classificação proposta por Vieira (2013), bem como a marcação ou não da concordância em cada um deles.

Antes de se analisarem os resultados, porém, é importante observar que, no número de ocorrências da Tabela 2, não estão contabilizados os 17 casos de verbos na primeira pessoa do plural, porque, para a análise da variável “grau de saliência fônica” nos verbos, os trabalhos da área examinam apenas a terceira pessoa. Por isso, há uma diferença entre o número de ocorrências constante da Tabela 2 e o número absoluto apresentado na Tabela 1.

Gráfico 2 - Grau de saliência fônica.



Fonte: Dados da pesquisa.

*Desinência-RAM em verbos irregulares.

**Desinência-RAM em verbos regulares.

Tabela 2 - Grau de saliência fônica.

	N.º total de ocorrências	Marcado		Não marcado	
		Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
É/são	47	33	70%	14	30%
Veio/vieram (-RAM)*	2	2	100%	–	–
Está/estão (-ÃO)	11	6	55%	5	45%
Passou/passaram (-RAM)**	9	4	44%	5	56%
Faz/fazem (-EM)	23	10	43%	13	57%
Plural/regular (-M)	245	181	74%	64	26%

Fonte: Dados da pesquisa.

*Desinência-RAM em verbos irregulares.

**Desinência-RAM em verbos regulares.

O grau de saliência fônica dos verbos corresponde à oposição singular/plural referente à 3.^a pessoa. É o princípio que estabelece que as formas mais salientes fonicamente são as mais perceptíveis para o falante e, por essa razão, são mais marcadas do que as formas menos salientes.

Diferentemente do que apontam Scherre e Naro (1998), Duarte (2008) e Vieira (2013), neste trabalho, aparentemente, o grau de saliência fônica não está condicionando a marcação ou não da concordância verbal. O plural regular, determinado pelo acréscimo da desinência –M, normalmente, é o menos marcado, justamente por ser menos saliente; neste caso, entretanto, houve uma marcação de plural em 74% das ocorrências, o segundo percentual de marcação mais significativo. Entretanto, se for desconsiderado o caso mais marcado (100%) – que apresentou apenas duas ocorrências (verbos irregulares terminados em –RAM), portanto numericamente pouco significativo –, as formas regulares passam à primeira posição em termos de marcação, ou seja, passam a ser a forma mais marcada.

É importante ressaltar que, devido ao tipo de perguntas realizadas no questionário, a maioria das respostas estava no tempo presente, como mostra o exemplo a seguir, o que permitiu uma grande ocorrência dos verbos enquadrados neste grupo.

INQ.- Pronto. E como é que você acha que falam os cariocas?

INF.- *Ah, eles falam... ah...como que eu posso explicá... (01 M EM 1FE)⁴.*

É relevante destacar ainda que, talvez, a fala da inquiridora tenha contribuído para que os informantes realizassem a marcação da concordância verbal mesmo nas formas verbais cujo grau de saliência é menor (formas verbais regulares). O exemplo anterior mostra bem isso. A inquiridora pergunta “E como você acha que falam os cariocas?”, ao que o informante responde “*Ah, eles falam...*”.

O terceiro caso mais marcado corresponde ao verbo “ser” no presente do indicativo (é/são): 70% de concordância do verbo com o sujeito. Esse resultado é compatível com o que se esperava, tendo em vista que se trata de um verbo anômalo, cuja diferença entre o singular e o plural é muito saliente. Não se trata apenas de uma alteração desinencial; o que se tem, nesse caso, é uma mudança total na forma verbal, em que não há sequer correspondência no radical.

Já o quarto caso mais marcado (55%) refere-se aos verbos cuja desinência também termina em –ÃO⁵, contudo o radical do verbo (ou parte dele) se mantém, o que condiz com um verbo irregular, e não anômalo.

⁴ Os exemplos do *corpus* serão identificados sempre nesta ordem: primeiramente, o número do informante; depois a indicação do sexo (M, para masculino, e F, para feminino); na sequência, especifica-se a escolaridade (EM, para ensino médio, e ES, para ensino superior); por fim, aponta-se a faixa etária (1FE, para a primeira, e 2FE, para a segunda).

⁵ É importante frisar que não ocorreram, neste *corpus*, formas verbais no futuro do presente simples; assim, todos os casos de desinências em –ÃO referem-se ao tempo presente.

A manutenção do radical contribui, possivelmente, para que verbos como “estar” (está/estão) sejam menos salientes foneticamente do que o verbo “ser” (é/são) e, talvez por isso, o percentual de marcação seja menor para aquela forma verbal.

Por fim, em dois casos, a marcação não prevaleceu: verbos regulares com desinência –RAM e verbos com desinência –EM. Em relação àquele caso, normalmente, em outras pesquisas da área, esses verbos tendem a ser marcados; nos estudos de Scherre e Naro (1998), houve marcação em 82% das ocorrências; já entre os entrevistados desta pesquisa, constatou-se a marcação em apenas 44% dos casos. É interessante observar que o verbo “vir” (veio/vieram), cuja desinência também é –RAM, foi marcado em 100% dos casos. Esse resultado, entretanto, pode ter sido alterado pelo baixo número de ocorrências: apenas duas; assim, embora seja um resultado que corrobora o de outras pesquisas, é preciso ter cautela ao fazer qualquer consideração. Os verbos irregulares cuja desinência é –RAM, como “vir”, tendem a ser mais marcados do que os regulares com a mesma desinência, como “passar”, porque a alteração no radical do primeiro verbo torna a diferença entre o singular e o plural mais saliente foneticamente do que no caso de verbos regulares, que não sofrem alteração no radical.

Quanto ao grupo de verbos com desinência –EM, Scherre e Naro (1998) apontam que 70% são marcados; neste estudo, entretanto, apenas 43% dos verbos apresentaram marca de plural. Provavelmente, o índice de não marcação prevaleceu porque o pronome de 3.^a pessoa do plural – eles – ocupa a posição de sujeito da oração, como em “[...] *acho que dá um entendimento assim, sabe, eles não consegue termina a fala, [...]*” (02 M EM 1FE), corroborando o estudo de Galves (1993), que afirma que, quando um pronome assume a posição de sujeito, a possibilidade de não concordância é maior, já que a marca de plural no verbo seria uma redundância.

Além da oposição singular/plural dos verbos em 3.^a pessoa, foram observados os verbos na 1.^a pessoa do plural, como “notamos”. Identificaram-se 17 ocorrências, as quais estavam todas marcadas, ou seja, houve, com esses verbos, 100% de concordância. Ressalta-se, dessa forma, a fala de Camacho (1993), que afirma que a 1.^a pessoa tem as desinências mais conservadas, o que foi detectado entre os norte-paranaenses.

Isso posto, constata-se que os resultados da análise dos dados do *corpus* deste trabalho destoam parcialmente dos resultados de outras pesquisas da área, que indicam ser o grau de saliência fônica uma variável altamente condicionadora da marcação ou não da concordância verbal, o que não se verificou precisamente na fala dos norte-paranaenses.

3.1.2. Posição do sujeito em relação ao verbo

Nesta subseção, foram considerados, obviamente, apenas os sujeitos expressos, os quais totalizaram 299 ocorrências. A Tabela 3 apresenta os dados referentes à posição do sujeito em relação ao verbo.

Tabela 3 - Posição do sujeito em relação ao verbo.

Posição do sujeito	Ocorrências	%
Sujeito anteposto	287	96%
Sujeito posposto	12	4%
Total	299	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados constantes da Tabela 3 mostram que, das 299 ocorrências de sujeito expresso na oração, 287 (96%) estão antepostas ao verbo e 12 (4%) pospostas a ele. Esse resultado revela a preferência do falante norte-paranaense pela construção do discurso na ordem direta (SV).

Ao analisar, especificamente, os casos de sujeito anteposto ao verbo, encontraram-se os seguintes dados:

Tabela 4 - Concordância com sujeitos antepostos ao verbo.

Verbo	Ocorrências	%
Marcado	220	77%
Não marcado	67	23%
Total	287	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 4 aponta que a marcação da concordância se sobressai em relação à não marcação: das 287 ocorrências de sujeito anteposto ao verbo, em 220 foram realizadas a concordância do verbo com o sujeito, o que corresponde a 77% dos casos.

Os verbos marcados predominaram nesses casos porque as orações se encontram na ordem direta; como o sujeito está topicalizado, o falante o reconhece como tal, o que favorece a concordância.

Quanto aos verbos não marcados, os quais correspondem a 23% dos casos, na maioria das ocorrências, eles vêm imediatamente após o pronome-sujeito de 3.^a pessoa, como em “[...] *ê não consegue terminá o assunto que eles começa.*” (02 M EM 1FE). Nesses casos, a tendência é a não marcação do plural no verbo porque isso seria uma redundância à marcação de número e pessoa já expressos no pronome.

Em contrapartida, os dados para os sujeitos pospostos ao verbo são os seguintes:

Tabela 5 - Concordância com sujeitos pospostos ao verbo.

Verbo	Ocorrências	%
Marcado	4	33%
Não marcado	8	67%
Total	12	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se, a partir dos dados expostos na Tabela 5, que há predomínio da não marcação da concordância quando o sujeito está posposto ao verbo. Isso provavelmente acontece porque o falante não reconhece o elemento posposto ao verbo como sujeito, mas sim como complemento.

Na Tabela 3, verifica-se a preferência maciça (96%) de construções frasais na ordem direta (SV). A ordem inversa (VS) ocorre, mais comumente, em casos de verbos existenciais/apresentacionais, como “existir”, “ter”, “acontecer” etc. Camacho (1993) afirma que uma das características desses verbos é a tendência “de retirar o sujeito lógico do controle da concordância gramatical [...], neutralizando-a completamente [...] ou de mudar o controle, atribuindo-o a um locativo” (CAMACHO, 1993, p. 108).

A tendência a se realizar a concordância verbal com o elemento anteposto é tão comum que, frequentemente, faz-se a concordância com o elemento topicalizado, sendo ele sujeito ou não da oração, por exemplo: “Esse vestido aparece as pernas”; “Os celulares acabaram a bateria”.

Além disso, em situação de fala, as pessoas têm mais dificuldade para retomar a sua construção frasal, o que contribui para a falta de concordância, como explica Bechara (2009, p. 544):

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo [...] para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, foi pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes.

É possível notar um caso de sujeito posposto na seguinte resposta da informante 14 F ES 1FE:

INF- “*Hubum, eu acho que é o... sul aqui Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Curitiba, a gente vê muito, até esses dias passou na televisão entrevistas com crianças então... não importa a classe nem a questão da cultura então já tem isso já apropriado na fala, de falar corretamente também*”.

No caso exposto, percebe-se que o falante não considerou “entrevistas com crianças” como o sujeito e, sim, como complemento do verbo “passou”; é possível, inclusive, que o verbo tenha ficado no singular em concordância com o locativo “na televisão” que, embora posposto ao verbo, está muito próximo dele.

Esses dados evidenciam que a posição do sujeito está condicionando a marcação ou não da concordância, ratificando o que expõe Vieira (2013, p. 90): “os casos de sujeito posposto favorecem acentuadamente o cancelamento da marca de número dos verbos”, já nas estruturas de sujeito anteposto, as marcas explícitas de concordância são mais recorrentes.

3.2. Fatores extralinguísticos

Analisaram-se os fatores extralinguísticos sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Os resultados obtidos são apresentados a seguir.

3.2.1. Sexo

A Tabela 6 apresenta os dados de marcação da concordância verbal dos falantes norte-paranaenses em relação ao sexo.

Tabela 6 - Marcação da concordância verbal conforme o sexo.

Variantes	Sexo			
	Masculino		Feminino	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Marcado	115	64%	138	79%
Não marcado	65	36%	36	21%
Total	180	100%	174	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo Coulthard (1991, p. 8), “homens e mulheres não falam exatamente da mesma maneira”; os dados apresentados na Tabela 6 corroboram esse dizer. Apesar de a marcação da concordância prevalecer em ambos os sexos, constata-se que, proporcionalmente, o sexo feminino marca mais que o masculino: são 64% de casos marcados contra 36% de não marcados no sexo masculino, em oposição a 79% de casos marcados contra 21% de não marcados no sexo feminino.

Esses dados vão ao encontro da pesquisa de Scherre e Naro (1998), a qual indica que o sexo feminino tende a marcar mais. Essa preferência pode ser justificada pelo fato de as mulheres serem mais sensíveis ao “prestígio social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas” (PAIVA, 2003, p. 37), ou seja, o sexo feminino tende a preferir as variantes que são mais prestigiadas socialmente, como é o caso da marcação explícita da concordância verbal.

Além disso, ao se implementar a não marcação da concordância verbal, escolhe-se uma forma socialmente desprestigiada em detrimento de outra prestigiada, a marcação. Nesse sentido, “as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo” (PAIVA, 2003, p. 36). Esse

conservadorismo feminino é evidente, já que apenas 21% das ocorrências não receberam marcas explícitas de plural, enquanto o sexo masculino deixou de realizar a marcação em 36% dos verbos.

Dessa forma, nota-se que o fator extralinguístico sexo pode estar atuando como condicionador na marcação da concordância verbal entre os falantes norte-paranaenses.

Destaca-se, entretanto, que esse comportamento feminino se refere ao grupo social aqui analisado e às regras locais de atribuição simbólica de valor às formas linguísticas. As condições sociais locais devem impor a essas mulheres a necessidade de busca da forma prestigiada. Por fim, conforme Paiva (2003, p. 37), “É preciso considerar, no entanto, que o efeito da variável gênero/sexo isoladamente camufla outros aspectos e complexas interações que deve [sic] ser examinadas no estudo da variação e da mudança”.

3.2.2. Grau de escolaridade

A Tabela 7 apresenta os dados referentes à marcação da concordância verbal de acordo com o grau de escolaridade.

Tabela 7 - Marcação da concordância verbal conforme a escolaridade.

Variantes	Grau de escolaridade			
	Ensino médio		Ensino superior	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Marcado	104	62%	149	80%
Não marcado	64	38%	37	20%
Total	168	100%	186	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Primeiramente, importa salientar que a marca da concordância predomina tanto entre os falantes com ensino médio quanto entre os falantes com nível superior. É provável que a marcação prevaleça porque, assim como afirma Votre (2003), as pessoas que frequentam os bancos escolares sofrem influência tanto na fala quanto na escrita, uma vez que a escola “atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso” (VOTRE, 2003, p. 51), principalmente em relação àquelas formas mais estigmatizadas, como é o caso da concordância verbal.

Os dados revelam que a marcação da concordância verbal é encontrada com mais frequência nos falantes com ensino superior: em 80% das ocorrências, houve a marcação da concordância; em contrapartida, quando analisadas as ocorrências dos falantes com ensino médio, a marcação foi identificada em 62% dos casos. Esses dados revelam que aqueles que frequentaram a escola por mais tempo tendem a seguir as regras de prestígio e a evitar as formas estigmatizadas, que, frequentemente, são controladas, evitadas e até punidas durante a formação. O contexto escolar favorece a exposição a situações que privilegiam a norma e isso se reflete no discurso dos informantes mais escolarizados.

Constata-se, portanto, que o grau de escolaridade parece ainda estar atuando como fator condicionante para a marcação da concordância.

3.2.3. Faixa etária

A Tabela 8 indica os resultados de acordo com a faixa etária dos falantes.

Tabela 8 - Marcação da concordância verbal conforme a faixa etária.

Variantes	Faixa etária			
	Primeira		Segunda	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Marcado	140	73%	113	70%
Não marcado	52	27%	49	30%
Total	192	100%	162	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Por meio do fator faixa etária, procura-se determinar se as variantes observadas no estudo estão em situação de variação estável ou de mudança linguística em curso. Tarallo (2002) informa que haverá variação estável se não existirem alterações entre as faixas etárias; porém, se o uso da variante mais inovadora ocorrer com mais frequência na faixa etária mais jovem, diminuindo em relação à idade dos informantes mais velhos, então teremos uma situação de mudança em progresso.

Os dados apresentados na Tabela 8 mostram que a marcação da concordância predomina tanto na primeira faixa etária, com 73% de verbos marcados, quanto na segunda, com 70% de marcação. Os resultados percentuais são muito próximos e, embora o índice de não marcação ocorra minimamente mais na segunda FE, não é possível afirmar, assim como Vieira (2013), que a não marcação aumenta à proporção que a idade dos falantes aumenta.

Desse modo, o que os resultados revelam é que há uma situação de variação estável, visto que a variável faixa etária não se mostrou condicionante para o fenômeno em estudo, no caso deste *corpus*, com informantes norte-paranaenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu constatar que a marcação explícita da concordância verbal, assim como prescrevem as gramáticas normativas, prevalece entre os falantes norte-paranaenses, apesar da crença de que esses informantes realizariam, com mais frequência, a não marcação da concordância verbal.

Conforme já se ressaltou, talvez isso ocorra pela situação de monitoramento na entrevista, pelo grau de escolaridade dos informantes e por esses estarem atuantes no mercado de trabalho, fatores que influenciam a manutenção da concordância.

Em relação às variáveis linguísticas grau de saliência fônica e posição do sujeito em relação ao verbo, pôde-se constatar que a primeira se opôs parcialmente aos resultados de pesquisas de outros autores, como Scherre e Naro (1998), Duarte (2008) e Vieira (2013). Os dados apresentados pelos informantes norte-paranaenses indicam que a saliência fônica não atuou da forma esperada, já que não há uma regularidade na marcação ou não da concordância que se justifique por meio da saliência fônica dos verbos. Já na variável posição do sujeito em relação ao verbo, os resultados corroboram as pesquisas de Camacho (1993), de Scherre e Naro (1998) e de Vieira (2013), indicando que os falantes têm preferência pelo sujeito anteposto ao verbo, que, por sua vez, tende a condicionar a marcação da concordância. Em contrapartida, a não marcação é evidente quando o sujeito está posposto ao verbo, porque o falante normalmente está propenso a reconhecê-lo como complemento do verbo e não como seu sujeito.

Quanto aos fatores extralinguísticos, verificou-se que as variáveis sexo e grau de escolaridade mostraram-se condicionantes para o fenômeno da concordância verbal. Em relação ao sexo, as mulheres realizaram a marcação da concordância com mais frequência, ratificando resultados de outros estudos que

informam que o sexo feminino tende a manter a variação de prestígio, mostrando-se mais conservadoras em relação à não marcação. Com respeito ao grau de escolaridade, os dados mostraram que informantes com nível superior realizaram mais casos de marcação, indicando que o acesso à escolarização por um período de tempo mais longo interfere na manutenção ou não da marca de plural.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. v. 1, p. 21-47.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2013.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática brasileira*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica do norte do Paraná*. 2013. 219 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. *Alfa*, São Paulo, v. 37, p. 101-116, 1993. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/268047679_Aspectos_funcionais_e_estruturais_da_concordancia_verbal_no_portugues_falado. Acesso em: 30 dez. 2018.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. v. 1, p. 49-75.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*. Tradução de Carmem Rosa Caldas-Coulthard. São Paulo: Ática, 1991.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Sujeito nulo/pleno e marcas de concordância. In: VOTRE, Sebastião Josué; RONCARATI, Cláudia (org.). *Antony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008. p. 265-277.
- GALVES, Charlotte C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993. p. 387-408.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-14.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. *In: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA*, 21., 1998. Palermo, Italy. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. v. 5, p. 509-523. Tema: Dialettologia, geolinguística, sociolinguística.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordância verbal. *In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo F. (org.). Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 85-102.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luíza (org.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-57.